

# Estéticas da Necropolítica no Brasil e no Québec: Crítica da Razão de Exclusão

*Aesthetics of Necropolitics in Brazil and  
Québec: Exclusion Reason Critique*

**\*Licia Soares de Souza**  
Universidade do Estado da Bahia  
Université du Québec à Montréal

\*Professora aposentada da UNEB e professora associada na Université du Québec à Montréal. Integra o corpo permanente do programa Pós-Cultura da Universidade Federal da Bahia e do programa Crítica Cultural da UNEB.

**Resumo:** Este texto está em forma de projeto visando a analisar obras das literaturas quebequense e brasileira que põem em cena condições precárias de vida, como “zonas de inimidade” de um estado neoliberal que pouco se preocupa com o bem-estar de seus cidadãos. A Estética da necropolítica se inspira das noções de biopoder de Foucault (1979) e de necropolítica de Mbembe (2014/16), tentando trazer a discussão para os espaços das Américas, onde vários grupos sociais são submetidos a condições de vida arriscadas que lhes conferem o *status* de “mortos-vivos”. Nesse sentido, no entrelugar dos centros urbanos organizados e das periferias negligenciadas pelos poderes públicos (favelas, trapiches, lazaretos, asilos, cárceres, matas, metrô, etc.) quer-se mapear, analisar e classificar, de acordo com as diferentes estratégias que determinam, de um lado, a crítica da razão da exclusão, em situação transtextual e transacional, e, de outro lado, as mobilidades nos espaços semiosféricos que permitem a ultrapassagem das zonas necropolíticas para as zonas do discurso oficial. A crise da Covid-19 propiciou o escancaramento do projeto neoliberal de aniquilamento das populações carentes, negros, indígenas, migrantes, trabalhadores informais etc. Nesse caso, busca-se proceder, à luz dos pressupostos da literatura comparada interamericana, ao levantamento e à análise de obras produzidas nos séculos XX e XXI, no contexto híbrido das Américas. Põem-se em evidência obras do Québec (Catherine Mavrikakis (2016), Henri Lamoureux (2003), France Théoret (2006) e do Brasil (Jorge Amado 1937/82), Moacyr Scliar (1992), Márcio Souza (1983)), que revelam muitas zonas de necropolítica que a história foi incapaz de evidenciar. Esta é a Crítica da Razão de Exclusão que pretendemos sistematizar com o artigo que apresenta este projeto.

**Palavras-chave:** Necropolítica; Biopoder; Exclusão; Literatura Quebequense; Literatura Brasileira; Semiosfera; Texto-xadrez.

**Abstract:** This text presents a project aiming to analyze works from Québec and Brazilian literature that bring into the picture precarious living conditions, as “enmity zones” of a neoliberal state that is little concerned with the well-being of its citizens. The Aesthetics of Necropolitics is inspired by the notions of biopower by Foucault (1979) and of Necropolitics by Mbembe (2014/16), trying to bring the discussion to spaces in the Americas where various social groups are subjected to risky living conditions that grant them the “undead” status. In this sense, in between organized urban centers and outskirts neglected by public authorities (slums, warehouses, lazarettos, asylums, prisons, forests, subways, etc.) we want to map, analyze and classify, according to the different strategies that determine, on one hand, the critique of the reason for exclusion, in a transtextual and transactional situation, and, on the other hand, the mobilities in semiospheric spaces that allow to go beyond the necropolitical zones to the zones of official discourse. The Covid-19 crisis provided the opening of the neoliberal project of annihilation of needy populations, blacks, indigenous people, migrants, informal workers, etc. In this case, we seek to proceed, considering the assumptions of inter-American comparative literature, to the survey and analysis of works produced in the 20th and 21st centuries, in the hybrid context of the Americas. It highlights works from Québec (Catherine Mavrikakis (2016), Henri Lamoureux (2003), France Théoret (2006) and from Brazil (Jorge Amado 1937/82), Moacyr Scliar (1992), Márcio Souza (1983)), which reveal many areas of necropolitics that History has been unable to uncover. This is the Critique of Exclusion Reason that we intend to systematize in this article.

**Keywords:** Necropolitics; Biopower; Exclusion; Quebec Literature; Brazilian literature; Semiosphere; Checkered text.

SOUZA, Licia Soares de. Estéticas da Necropolítica no Brasil e no Québec: Crítica da Razão de Exclusão. *Léguas & Meia*, Brasil, v.13, n. 1, p. 73--96, 2021.

## Introdução ao pensamento da necropolítica

Este artigo dá início a um projeto de pesquisa visando a analisar obras das literaturas quebequense e brasileira que põem em cena condições precárias de vida, como “zonas de inimidade” de um estado neoliberal que pouco se preocupa com o bem-estar de seus cidadãos. Com a crise da Covid-19, muito se falou sobre o conceito de “necropolítica”, forjado pelo estudioso da escravidão camaronês Achille Mbembe.

O ensaio *Necropolítica* mostra de forma bastante clara como o “estado de exceção e a relação de inimidade” tornaram-se a base normativa do direito de matar, e como o poder apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo para justificar o extermínio de outrem. O pensamento de Mbembe se inspira na noção de “biopoder” de Foucault e dos conceitos de Agambem de “estado de exceção e estado de sítio” (2009). Mbembe (2018) vai, entretanto, mais longe, ao explicar as várias maneiras pelas quais os estados desenvolvem interesses de destruição máxima e a criação de “mundos de morte”. Essas maneiras são formas novas e únicas da existência social, nas quais vários grupos sociais são submetidos a condições de vida precária que lhes conferem o status de “mortos-vivos”.

Ferramentas de extermínio foram amplamente usadas, tanto no Canadá como no Brasil, em todo o período colonial. O Brasil ainda possui o agravante da escravidão que supliciou indivíduos considerados como não-humanos, amontoados nas chamadas “senzalas”, verdadeiras zonas de inimidade do mundo pretensamente civilizado.

Mbembe discorreu, em várias lives, como a COVID-19 democratizou o poder de matar, à medida que qualquer pessoa infectada podia transmitir o vírus a outros, inconsciente ou deliberadamente. O isolamento e o distanciamento seriam formas de regular este poder, mas muitos preferiram ignorá-los, usufruindo do direito de usar o próprio corpo como arma biológica. Assumir o papel de gestores genocidas passou a ser sinônimo de se tornar agente voluntário de uma administração necropolítica perversa da pandemia. Neste sentido, a pandemia trouxe à luz não apenas aspectos sanitários, mas igualmente questões de cunho político, social e cultural e muitos traumas inerentes às histórias das diversas sociedades do planeta.

No âmbito da Estética, muitas listas desfilaram pela Internet com livros e filmes que espelharam pandemias e moléstias anteriores e que debateram igualmente a

formação do gênero da distopia na contemporaneidade. Este não estaria mais ligado apenas à ficção científica, mas refletiria a desorganização dos valores humanos e sociais, no âmbito dos estados neoliberais financeirizados. Entre as obras mais discutidas, encontram-se *A peste* (1947) de Albert Camus, *Ensaio sobre a cegueira* (1995) de José Saramago e *Morte em Veneza* (1912) de Thomas Mann que estiveram presentes em nossa primeira live sobre pandemia e distopia (cf. biblio.). *A peste* é um livro emblemático, cuja simbologia remete à Europa sitiada pelos nazistas. *A peste* se torna metáfora para todas as formas de opressão e de resistência que, de tempos em tempos, surgem para a infelicidade e o ensinamento da humanidade. O período da quarentena é tratado como um debate existencial sobre a capacidade das pessoas passarem tanto tempo isoladas, separadas de seus entes queridos, em um mundo distópico em que as memórias individuais funcionam muito mais como vetores de desintegração de cada “ser” do que como catalisadoras de vidas harmônicas. No final, Camus lança sua grande provocação existencial: aquela pandemia chega ao fim, mas os ratos são levados para uma terra feliz, podendo retornar a qualquer momento. Na verdade, todas as precariedades da pequena Orã, cidade da Argélia natal de Camus, para fazer frente a um flagelo são reveladas, mas, uma vez a peste terminada, não são discutidas políticas públicas de melhoria da sociedade que fica vulnerável a um retorno dos ratos.

Atentando para essas circunstâncias propícias para a investigação sistematizada de relações literárias interamericanas, no entrecruzamento do horror das epidemias e do humano, busca-se proceder ao levantamento e à análise de obras produzidas no século XX e XXI, as quais ilustraram situações distópicas de enfrentamento de epidemias e enfermidades nefastas para a sociedade. A questão de um longo período nos dois séculos, sem uma demarcação exata de datas, parece inapropriada, mas as obras selecionadas apresentam situações semelhantes que autorizam uma visada assim tão ampla. E os fatos sociais são contemplados, ora em romances contemporâneos ativando momentos do passado ou projetando um futuro próximo, ora em romances da primeira metade do século XX que vislumbram situações de um passado remoto ou da época presente, todos representando quadros estéticos de necropolítica onde as zonas de morte e de inimizade podem refletir as dos tempos contemporâneos. Algumas das obras contempladas abrem um leque de indagações entre as relações entre o discurso da

medicina e o discurso literário, empreendendo um dialogismo profícuo entre arte e ciência. Catalogamos nesta série, as obras de Moacyr Scliar (1992) e Pedro Nava (1976), dois médicos escritores, assim como obras do quebequense Henri Lamoureux, sociólogo que descreve os estados de saúde de jovens itinerantes que penetram no mundo das drogas em Montreal.

A otimização da linguagem nas ciências humanas, convencionalmente chamada de *linguistic turn*, traduzida como “virada linguística”, complexificou as operações de atribuição de sentido aos acontecimentos do “mundo vivido”. Quando estudamos e escrevemos sobre o pós-metafísico, apresentamos um contrapeso aos estudos puramente denotativos, essencialistas e abstratos. Nosso quarteto pós-metafísico<sup>1</sup> demonstra que a linguagem pode ser contemplada enquanto um fato material do mundo, mas também como um mundo de sentido que se relaciona com a realidade fora dela. A semiótica da cultura identifica essa relação cognitiva, ou esse regime de signos, dentro de um paradigma de representação com vários polos articulados e correspondentes em universos, campos e espaços semiosféricos.

A noção de virada linguística, e mesmo a de virada diagramática, fazem referência a um distanciamento entre as palavras e as coisas. A multiplicação das narrativas, a crise de representação e a desestabilização dos sentidos já postos e sedimentados no mundo, permitem a todo o tempo, um questionamento e uma autorreflexão de valores já estabelecidas nos polos do cientificismo moderno.

A formação dos saberes e a genealogia do poder, pensada por Foucault, são dois lados de um mesmo problema. Esta última estabelece muitas prerrogativas sobre seu exercício: o poder não é uma substância, nem um privilégio do Estado, que o exerce negativamente pela força física e por aparelhos de repressão. Ele é socialmente distribuído, horizontal, fluido, suscetível de adentrar nas mais diversas esferas da existência humana. As relações de poder podem ficar evidentes em disputas pelo controle do discurso, tanto nos esquemas de poder dominantes, como na agitação das camadas de saber ocultadas por um discurso hegemônico.

Uma mudança nas tecnologias do poder, a partir do século XVII, principalmente no exercício da soberania, é apontada por Foucault. A soberania anteriormente se

---

<sup>1</sup> Vide SOUZA, Licia, *Pragmática pós-metafísica: O infradireito na literatura e no cinema brasileiros*. Curitiba, Editora Appris, 2020. O quarteto pós-metafísico é composto dos pensamentos de Jungen Habermas, Mikhail Bakhtin, Charles Sanders Peirce e Iuri Lotman.

concretizava na guilhotina e no rei, na morte dos corpos. A introdução da modernidade e da Revolução Industrial modificou a forma como o poder trata os corpos. O capitalismo da época prioriza mais a utilidade dos corpos do que seu extermínio. Foucault caracteriza as técnicas de poder que têm o objetivo de otimizar a produtividade dos corpos de “disciplinas”. Disciplinas são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1975, p. 129).

As disciplinas são formadoras de subjetividades. A restrição de espaços, a aceleração do tempo, e os limites sociais, modificam a forma como as pessoas se comportam na sociedade capitalista. O corpo se torna objeto de utilidade. Conhecer o corpo é supostamente ter domínio sobre ele. O panóptico de Jeremy Bentham é o exemplo clássico em Foucault para descrever a operacionalidade dessa modalidade de poder: o modelo carcerário de Bentham é um tipo de controle que instiga o medo e a desconfiança. É um modelo que pressupõe um único ponto central observando todos os pontos ao seu redor. Esconde ainda o observador dos que são observados, criando a sensação de estar a todo tempo sendo vigiado, pressionado e cobrado a agir de acordo com a norma social imposta.

O controle sobre o sexo, a natalidade, a criminalidade e a expectativa de vida, estariam no estabelecimento de normas a serem seguidas e práticas corretivas, legitimadas por saberes específicos que atendem às preocupações da biopolítica, como a demografia e a medicina sanitária. O controle é também a exatidão de informações, a comparação entre elas, e as previsões para o futuro da vida humana.

Mbembe localiza a insuficiência da noção de biopoder em descrever uma política que não está mais interessada na domesticação dos corpos e na sua produtividade. A necropolítica é a política da morte, não se trata de disciplinar os indivíduos, mas sim de criar as condições precisas para cultivar a morte de grupos sociais desprovidos de uma representatividade política afirmada. A soberania proposta pela necropolítica é a permissão para criar “mundos da morte”.

E é a natureza desses “mundos da morte” que pretendemos analisar, em um corpus que vamos estabelecer ao longo de nossas atividades no programa de pós-

graduação Crítica Cultural da UNEB2, e que iremos enriquecendo durante a nossa pesquisa.

### **Problemas e hipóteses de pesquisa**

As hipóteses dessa pesquisa são as seguintes: as literaturas americanas, aqui encaradas com obras do Brasil e do Québec,

- contribuem para a representação de “mundos de morte”, desde o período da colonização, com o suplício de comunidades inferiorizadas, indígenas, negros e mestiços, cujos vestígios memoriais formam uma arqueologia de estética necropolítica interamericana;

- realizam um trabalho de representação da “política de morte”, reconduzindo para o tecido literário situações precárias heterogêneas e marginais, livrando do esquecimento fatos deixados de lado pela história cultural oficial;

- interrogam o aparecimento e desaparecimento de formações necropolíticas que configuram a razão crítica da exclusão, recriando imagens da experiência da aproximação da morte que mostram a emergência da Modernidade no Brasil e no Québec;

- valem-se de relatos heterodiegéticos ou autodiegéticos, resgatando temporalidades, remodelando o tempo histórico, aptos a engendrar arquivos literários que apontam para situações de fome, banimento de populações pobres, destruição de corpos humanos de populações indígenas e negras, processos de destruição, processos traumáticos que abalaram as formações sociais visadas;

- revelam os pilares da Razão Crítica da Exclusão, com quadros diegéticos de “memórias vergonhosas” que orientam as novas espacializações, pontilhadas de desenhos aniquiladores, das cidades brasileiras e mesmo de Montreal;

- utilizam esses arquivos literários, com formações necropolíticas, “mundos de morte e de inimizade”, com estratégias de captura, aprisionamento, exploração, dominação e extermínio dos corpos subalternos que servem de combustível para o colonialismo e capitalismo, não como depósitos de fatos passados, mas como mediação

---

<sup>2</sup> <https://portal.uneb.br/poscritica/>

e reconstrução do quadro complexo de exclusão que se instaura nos espaços semiosféricos do Brasil e de Montreal;

- Revelam a prática do biopoder que faz matar o corpo, junto com a prática do epistemicídio que faz matar o saber ancestral, criando um cenário fantasmagórico para alimentar a Razão Crítica da Exclusão.

### **Perspectiva interamericana**

O presente projeto dá continuidade, no âmbito das linhas de pesquisa dos Estudos Canadenses, das Relações Literárias Interamericanas, das Questões de hibridação cultural das Américas (1995-2004, liderado pela profa. Zilá Bernd), da Geopoética, dos Estudos Quebequenses, ao estudo comparado que põe em perspectiva comparatista as literaturas dos continentes americanos com ênfase para a literatura brasileira e quebequense.

Em estudos precedentes, essa perspectiva interamericana foi sendo explorada do ponto de vista das mobilidades culturais e das migrâncias, e das transformações dos mitos europeus em mitos americanos. A crise da Covid-19 trouxe para a mesa de debates questões sanitárias ligadas ao capitalismo financeiro com suas práticas de eugenia, biopoder e necropolítica. Nos estudos comparados, quando averiguamos a literatura do Québec, encontramos exemplos que tratam da pauperização de Montreal e da deriva de jovens destruídos, pelas ruas e metrô, subjugados pelas drogas<sup>3</sup>.

A originalidade da presente pesquisa e justificativa maior de seu desenvolvimento está em apontar como se constitui, no Brasil e no Québec, uma geopoética da morte, da eugenia e da necropolítica que surge do entrelaçamento de relatos híbridos com o discurso médico, político e sociológico, mas trazendo à tona, pela função estética, pontos de convergência fundamentais. As bem delimitadas fronteiras de espaços como favelas, ruelas, bairros empobrecidos, matas infectadas, lazaretos, asilos, reformatórios, cárceres, etc. surgem em contextos de transação relacional, trazendo uma pluralidade de visões sobre sociedades, tidas como modernas, mas que estão configuradas com muitos lugares de morte.

---

<sup>3</sup> O que descrevemos em nossa obra *Pour une géopoétique interaméricaine* (2019).

As obras que estudamos, com seus arquivos epidêmicos, deixam emergir elementos sociais e culturais dados como esquecidos, subnotificados, negligenciados; tiram da sombra narrativas e discursos fundamentais para se compreender a modernidade progressista do Brasil e do Québec que envolve, de todas as formas, uma institucionalização da “morte”<sup>4</sup>, um descaso da pobreza.

Destaca-se a grande relevância desta pesquisa que nos estimula a ir além na investigação da representação dos chamados “lixos humanos”, “descartáveis”, em relatos variados que exibem uma “matança” das classes mais vulneráveis. Amplia-se, portanto, a perspectiva apresentada por Mbembe, nessa Crítica da Razão da Exclusão, procurando mergulhar na maneira como se dá o agenciamento e os entrelaçamentos de quadros diegéticos relativos aos processos de destruição, em literaturas originadas em terras do Novo Mundo que foi se “civilizando” com ideias de desigualdade biológica e cultural explícita.

## **Pressupostos teóricos**

### **Comparatismo Literário**

Nas relações culturais, sempre houve tendências homogeneizantes em que as coisas parecem ser semelhantes entre si, e uma tendência a se valorizar a diversidade cultural, a heterogeneidade das culturas e dos saberes. Atualmente, há uma grande mobilização de pessoas através do mundo e as migrações contribuem para a emergência de um novo tipo de enfrentamento entre povos distintos. Dizemos novo tipo, pois sabemos que o fenômeno de misturas dos povos data de tempos imemoriais. Aristóteles já havia considerado sobre o fenômeno como problema específico das cidades–estado gregas. Na live que efetuamos, no dia 5 de junho de 2020, no Canal Pós-Crítica, com a profa. Dra. Zilá Bernd (cf. biblio.), pusemos em relação a influência dos Estudos Canadenses no comparatismo literário no Brasil. Tais estudos valorizaram o pensamento da diversidade longe dos centros hegemônicos da Europa. As relações Brasil/Canadá/América Latina/ Antilhas desencadearam um pensamento da

---

<sup>4</sup> A precarização da saúde pública no Québec, nos últimos anos, é um exemplo de formação necropolítica, ilustrada nos filmes de Denis Arcand.

americanidade, apto a evidenciar pesquisas comparadas entre países das Américas, considerados como zona de periferia.

Se as civilizações antigas passavam por dificuldades nos relacionamentos dos povos diferentes, em decorrência das conquistas e das expansões comerciais, várias comunidades nacionais na civilização moderna, na globalização especificamente, experimentam a necessidade de reapenhar suas diversas origens culturais para lutar contra o hegemônico, ou mesmo para enfrentar um invasor que vem, mais uma vez, nivelar. Sem contar que, no contexto dos continentes americanos, sofremos o processo histórico das “descobertas” que impôs novos enfrentamentos entre povos distintos os quais figuram na pauta de discussões sobre os vários processos de constituição de identidades que devemos investigar com os termos de “americanidade, hibridismo, mestiçagem, transculturação, entrelugar e crioulização” (SOUZA, 2006).

Como podemos projetar os signos da necropolítica nessa confluência de ideais atuais? Sabemos que os debates em torno da cultura têm trazido à tona muitos problemas sobre os enfrentamentos de povos diferenciados, em termos de diversidade, de variedade e de riqueza dos discursos populares e locais. A focalização no global tem encorajado os métodos de entendimento sobre a abertura das hierarquias, embora exista a tentativa de aceitação de hierarquias simbólicas restritas.

Falar de cultura global significa destacar o fluxo de informações, conhecimentos e imagens diversos, mas também examinar as formas de apologia da homogeneidade e da integração cultural unilateral que vêm, de alguma forma, cristalizar ideias pré-concebidas manchadas de interpretantes dominadores. Nessa perspectiva, vai germinando uma rejeição à lógica binária que tem marcado os trabalhos que abordam a cultura através de termos mutuamente exclusivos como unidade/diversidade, integração/desintegração, homogeneidade/heterogeneidade. Nesta mentalidade, ocorrem novos redimensionamentos das relações entre tradição e modernidade que vêm mostrar que um termo não elimina o outro, mas devem caminhar juntos para o reconhecimento de um “globo” realmente plural, tolerante e pacífico.

O projeto de signo para uma Estética necropolítica deve ser elaborado no questionamento a respeito da produção cultural em terras americanas, analisando as estranhezas e as imposições de aculturação, que negligenciaram a transculturação e a transação, o que encadeia entre nós a Crítica da Razão da Exclusão. No renascimento

colonialista está o embrião de uma nova cultura, mestiça, subvertendo as noções de unidade e pureza e que se torna apta a desencadear o processo de descolonização. Temos então, outra interpretação cultural que busca os princípios das terceiras culturas e que é capaz de se articular com as textualidades indígenas e o Realismo Maravilhoso que são expressões genuínas das terras americanas (SOUZA, 2004).

Pensadores como Glissant e Homi K. Bhaba (apud SOUZA, 2006) nos auxiliam a alcançar a transação necessária para a Crítica da Razão da Exclusão. O conceito de hibridismo do segundo pensador, por exemplo, tem sido bastante discutido, pois surge em um contexto de colonização. Valorizando o hibridismo como elemento constituinte da linguagem, o autor revela que o projeto semiótico que preside à representação historicista e realista, própria à literatura colonial, trata de um signo unitário e pré-construído. Por conseguinte, cria-se uma lacuna entre o significante e o significado que passa despercebida, resultando na aparente estabilidade e previsibilidade do significado. É o espaço intersticial, considerado como um espaço esquecido da significação, o espaço entre pensar e explicar o hibridismo que precisa ser recuperado.

O projeto desses dois pensadores é transnacional porque contém marcas de diversas experiências e memórias de deslocamentos de origens. E é tradutório, porque requer uma ressemantização de símbolos culturais tradicionais, como literatura, música, arte, rituais etc. que antes representavam conjuntos específicos de referências socioculturais sob o ponto de vista hegemônico. A cultura moderna pós-colonial processa um hibridismo cultural ativo capaz de articular o momento intersticial (*inbetween moment*) para assim perturbar as significações cristalizadas. Este hibridismo intencional ou consciente se distingue do hibridismo natural considerado estéril. Aí existe igualmente a valorização de uma comparação dinâmica que aponta a inevitável imbricação Eu/Outro e a inexistência de identidades “puras”. (apud SOUZA, 2006).

### **Semiosfera, fronteiras, semiótica da cultura**

Um estudo de semiosferas se consubstancia, se contextualiza e se instrumentaliza na observação de confrontos de culturas heterogêneas em um espaço e tempo determinados. A “semiosfera” um conceito do russo Iuri Lotman (1922-1933), comparece no cenário social-histórico como uma construção sígnica que envolve, em

sua base – das periferias ao seu centro – modos de existência de linguagens, comandos de imbricação, protocolos de transferência e várias modalidades de ressemantização.

A semiótica da cultura lotmaniana se formou na Universidade de Tártu (Estônia), no contexto dos estudos empreendidos pela Escola Semiótica de Tártu-Moscou. Um dos traços mais característicos da Escola é a bicentralidade. A presença de dois centros, como se sabe, é um traço característico da cultura russa, como por exemplo, a coexistência de Kiev e Nóvgorod na Rússia antiga e de Moscou e São Petersburgo (Petrogrado, Leningrado) no Império Russo e na Rússia moderna.

No âmbito dos estudos linguísticos e literários, a semiótica da cultura se desenvolve concomitante aos estudos do Círculo Linguístico de Moscou (1915-1924) e da OPOIAZ (1916-1926) de Petrogrado. O centro de Moscou, mais numeroso, inclui pesquisadores jovens e iniciantes, mas que depois se tornam renomados, entre eles Vladímir Todorov, os irmãos Boris e Vladímir Uspiénski, o folclorista Serguei Nekliúdiv, etc. (apud SOUZA 2020).

Mas a semiótica da cultura lotmaniana fixar-se-á como método inédito de averiguação na década 1960-1970, quando ocorre a formação dos principais conceitos. O conceito “texto” deixa de ser aplicado apenas para diferenciar o “texto linguístico” do “texto literário” (como ocorre em *Estrutura do texto artístico* de 1970), é ampliado e passa a abarcar as mais variadas manifestações da cultura humana, o que resulta na consolidação da noção de “texto da cultura”. Justamente nesse segundo período da sua obra, surge o conceito central, a semiosfera, dentro do qual a fronteira desempenha uma função fundamental.

As margens da semiosfera tornam-se, portanto, um espaço de extrema importância. É nesse contexto que surge a noção lotmaniana de “fronteira”. Trata-se, naturalmente, de um divisor imaginário que permite a troca de informações entre a semiosfera e o espaço que a circunda. Na semiosfera, a fronteira tem suas funções: o seu objetivo é limitar a invasão incontrolável dos elementos “alheios”, como também filtrar e adaptar tais elementos para a linguagem de uma semiosfera dada. Se o espaço culturalizado de uma semiosfera é visto por seus integrantes como ordenado, organizado e seguro, o espaço externo pode ser percebido como desorganizado e caótico, e mesmo como uma não-cultura. O “nosso” e o “alheio” costumam ser

constituídos de jeito espelhado, segundo Lotman, de forma que o que é proibido em um espaço é permitido em outro.

A semiosfera é percebida como um conjunto homogêneo, mas é formada por diversos textos que interagem entre si por meio das diferentes linguagens da cultura (música, pintura, literatura e assim por diante). A heterogeneidade interna é uma condição mínima para a existência da semiosfera, dentro da qual agem forças centrífugas e centrípetas entre o centro e suas fronteiras. A semiosfera é, assim, um lugar extremamente dinâmico, no qual costumamos identificar “cronotopos” (BAKHTIN, 1979) que se imbricam, e favorecem o ambiente para constantes diálogos em que os textos culturais se multiplicam e ficam disputando o lugar central. Exemplos: a escola, como cronotopo interno (SOUZA, 2016), as ruas como cronotopos externos fronteiriços (SOUZA, 2020).

No que tange à investigação propriamente literária, a heterogeneidade interna na dinâmica dos cronotopos em fronteiras, a questão pode, com efeito, cruzar os debates sobre a natureza de um “novo realismo necropolítico” brasileiro. Este “novo realismo”, com os excluídos, beirando o realismo feroz ou brutal, desenvolve-se mais nas fronteiras dos cenários semiosféricos (SOUZA, 2009, 2020). Nesse sentido, as articulações entre a ficção e a realidade parecem revigorar os princípios criativos de um realismo comprometido em suas formas de dirigir o olhar para as condições físicas das periferias urbanas, governando uma Crítica da Razão de Exclusão.

Uma modalidade desta crítica pode ser vista em Tânia Pellegrini (2008), na observação das obras de Paulo Lins, Ferréz e Dráuzio Varela. Ela reflete sobre um retorno do trágico (embora com um certo barateamento pela indústria cultural), provocado pelo projeto vitorioso de inserção do país no circuito do capitalismo avançado, que traduz a realidade em ficção em termos de violência praticada por aqueles que estão premidos pela escassez e pela falta. Nesse contexto, conclui a autora, o realismo, que rege este tipo de literatura marginal, não pode ser caracterizado de forma simplista como signo de atraso estético<sup>5</sup>, mas sim, como uma postura e um método, cada vez mais em uso, aptos a revelar a função e o valor de boa parte da produção ficcional do Brasil contemporâneo.

---

<sup>5</sup> Antonio Cândido (1989) justifica essa tendência realista-naturalista por uma demora cultural. O Brasil ainda tem problemas de ajustamento e de luta com seu meio, e problemas ligados à diversificação racial, tendo, assim, prolongado suas preocupações naturalistas.

## Biopoder, Necropoder, necropolítica

As noções de biopoder e biopolítica (FOUCAULT, 2018) alimentam reflexões sobre outros novos engendramentos de saber-poder e novos diagramas de força a partir das discussões que o filósofo camaronês Achille Mbembe desenvolve no ensaio chamado "Necropolítica". Pela ótica de Achille Mbembe, as noções de biopoder/biopolítica sofrem movências, saindo de análises centradas em contextos europeus, para chegar a formações de constituição de diagramas de poder não apenas nos contextos pós-coloniais de Áfricas, mas também nos processos de colonização e nos traços de colonialidade que ainda imperam com força nos contextos brasileiros, tendo como espinha dorsal as questões raciais contemporâneas.

De uma certa forma, já exprimimos o essencial das noções de Foucault e Mbembe. Evocamos igualmente o movimento de *linguistic turn* e o dinamismo do Quarteto Pós-metafísico que construímos para atacar de assalto as formações discursivas da criminalidade de das milícias no Brasil. Trabalhando com os cronotopos mais emblemáticos do mundo criminoso no país, favelas, neofavelas, ruas e cárceres, e para estabelecer uma cartografia da razão crítica da exclusão nas metrópoles brasileiras, utilizamos a noção de “texto-xadrez” que já havíamos utilizado nas análises da geopoética de Montréal.

O “texto-xadrez” é uma metáfora textual e emerge a partir da virada diagramática, sob a ótica dos estudos de Peirce, em que o diagrama, como subcategoria do ícone, põe em relação várias funções significativas de um texto. É possível com o texto-xadrez relacionar de forma dinâmica esquemas visuais e verbais da cartografia de um texto. Na Geopoética de Montreal (SOUZA, 2019), mostramos como os mauvais-flâneurs, os indigentes, os squeegees, os excluídos, se movem da superfície das ruas traçadas de forma hipodâmica, como um tablado de xadrez<sup>6</sup>. Em um xadrez, a peça que não se move em linha reta e alinhada, é o “cavalo” que pula os outros em forma de L, em um perímetro em torno dele que forma uma figura rosácea.

---

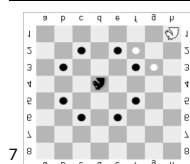
<sup>6</sup> Hipódamo de Mileto foi um grego antigo, arquiteto e planejador urbano. Tendo vivido no auge do período clássico, é considerado o “pai” do planejamento urbano em quadrículas, designado por “hipodâmico” em sua homenagem.

A figura rosácea<sup>7</sup>, captada em muitos romances, delimita, no âmbito do xadrez bem estruturado pelos movimentos diagonais e retilíneos dos bispos e torres, as zonas determinadas de emergência da morte. É como o trapiche, por exemplo, dos Capitães da Areia, zona de inimizade e de aniquilamento pela qual os personagens, como “cavalos polígrafos”, se comunicam com a zona estruturada da cidade de forma imprevisível, arredia e fugaz. É bem verdade que os geogramas podem ser captados igualmente nas matas onde os “arquivos febris” se dilatam, tal qual vamos explicar em nosso corpus, e nos cárceres, espaços rosáceos de inimizade onde o suplício da enfermidade e da tortura castiga a população de um “mundo de morte”. Evidentemente, as descrições realistas, muitas vezes seguidas de discursos médicos, científicos e sócio-políticos põem à prova o dialogismo da obra.

### Corpus inicial

Um dos pontos principais que representa o maior desafio em uma metodologia de pesquisa é a constituição de um corpus. Se a pesquisa é inovadora, nunca abordada antes, a dificuldade é ainda maior. Por isso, vamos apresentar um corpus inicial, enfatizando que buscaremos novos exemplos durante a realização da pesquisa.

Em razão da força sócio-política da temática, estados de cisão e aniquilação de corpos, em cronotopos determinados, devem ser averiguados para a apresentação de uma Razão Crítica da Exclusão: textos estariam colocando em cena sujeitos que não podem se constituir fora de um horizonte de aniquilação. Para lidar com um corpus literário, foi escolhida uma abordagem interdisciplinar, de cunho comparativo, nos moldes da comparação interamericana, transacional, transcultural, na prática da diversidade, o que fortalece a Razão Crítica da Exclusão. É possível que seja viável determinar, a presença de alguns elementos - nas relações dos geogramas de um texto-xadrez - que se reiteram, como se existissem tendências ou padrões, ainda não sistematizados pela crítica.



Em relação às primeiras hipóteses, quando falamos de arqueologia de estética necropolítica interamericana, em que a “política de morte” tenta levar ao esquecimento fatos fundamentais da história oficial, selecionamos algumas obras significativas. No Brasil, Quarup (1964) de Antônio Callado, aborda a exterminação dos ameríndios Cren pela epidemia do sarampo. Eram indígenas guerreiros, temidos por brancos e por outras tribos, que passam a agonizar, contaminados por enfermidade de alto índice de morbimortalidade e alta transmissibilidade, disseminando-se por várias aldeias de uma região. Mad Maria (1983), de Márcio Souza, descreve a aniquilação dos indígenas pela malária, com altos índices de letalidade igualmente.

No Québec, Francine Ouellete produz *Au nom du père et du fils* (1991) et *Le Sorcier* (2005) que retratam as catástrofes das epidemias no meio dos ameríndios do Canadá, a partir do momento em que a Inglaterra se apodera do país e passa a estabelecer sua base industrial útil ao business. Geralmente, nessas crises, os indígenas fogem para a floresta longínqua e, dispersos, ficam sujeitos a uma série de restrições alimentares, o que os leva a um quadro de morte inevitável. Ronald Lavallé produz *Tchipayuk ou le chemin du loup* (1987) e Darci Ribeiro, com Maíra (1981) discorrem sobre os problemas da saúde indígena, mostrando que todas as epidemias impactaram os povos indígenas, com os danos inevitáveis no contacto com os não-indígenas.

As nossas hipóteses do resgate de temporalidades que testemunham da arqueologia de quadros de morte podem ser observadas na obra do médico escritor Pedro Nava com *Chão de Ferro* (1976) que relata a chegada da gripe espanhola e suas consequências desastrosas. A série literária *Les Fils de la Liberté* (1982-1999) de Louis Caron registra surtos epidêmicos no Québec do século XIX até a segunda metade do século XX.

Arquivos literários que apontam para o banimento de populações pobres e os processos de destruição da harmonia sociocultural das localidades são produzidos por Moacyr Scliar, que tão bem retrata o período das campanhas sanitárias de Oswaldo Cruz, com a revolta da vacina, em plena reforma urbana do Rio de Janeiro, e o ideal da construção de uma Paris-sur-mer. *Sonhos Tropicais* (1992) que deu origem ao filme homônimo (2001) configura a Razão Crítica da Exclusão atravessada do discurso científico médico, diante das doenças que assolam o Rio, a varíola, a peste bubônica e a febre amarela. Questões de banimento e gentrificação em Montreal são igualmente

abordadas desde *Bonheur d'Occasion* (1945), de Gabrielle Roy, até os dias de hoje quando encontramos populações habitando em casas infectadas pelos ratos, e em subsolos insalubres (France Théoret (2006), Henri Lamoureux (2003), assim como seguimos aquelas que erram pelas ruas, vitimadas pelo consumo de drogas em situações necropolíticas traumáticas.

Os negros da Bahia são igualmente vítimas da proliferação das epidemias, e Jorge Amado comparece com a denúncia da situação de abandono em que se encontram os meninos de rua, desde 1937, com *Capitães de Areia*, onde o progresso estabelece que só os abastados poderiam usufruir de uma vacina. Aos outros, restava o lazareto, geograma da morte, que reaparecerá em *Tereza Batista cansada de guerra* (1982), em nova situação de instauração de zonas necropolíticas. *Tocaia Grande* (1982) abordará, no mesmo diapasão, “arquivos febris” quando uma febre súbita começa a ser transmitida para matar a população desassistida que se reagrupou em uma comunidade nova.

Nessas zonas necropolíticas da insalubridade, os geogramas mais perfeitos para engendrar processos de destruição são os cárceres e os reformatórios. *Capitães da Areia* mostra a vida dura das crianças no reformatório e dialoga com *Emma des rues* de Marie Gagnon, obra que mostra a situação de precariedade de uma garota entregue ao mundo das drogas. Por outro lado, *Memórias do Cárcere* (1953), *Memórias de um sobrevivente* (2009) e *Carandiru* (2005), revelam os pilares da *Razão Crítica da Exclusão* com quadros panópticos que extrapolam a disciplina do biopoder e instauram uma precariedade sanitária e comportamental propícia à destruição das vidas encarceradas.

Por fim, averiguamos a força da distopia de Catherine Mavrikakis, *Oscar de Profundis* (2016). Trata-se de uma pandemia que assola o planeta, em 2050, aniquilando os pobres de Montreal. Tal pandemia já teve um grande sucesso nas maiores cidades do planeta, Rio, Londres, Nova York, Berlim, etc., e, capitaneada por um Estado Global, como expressão máxima do capitalismo financeiro voraz, chega a Montreal. Aqui, os doentes sucumbem nas ruas sem nenhum tratamento, morrem empilhados uns sobre os outros, pois o Estado Global entende que é a hora do planeta se livrar dos miseráveis. A quarentena e o isolamento social não são estimulados para que a destruição dos mais pobres ocorra mais facilmente. Se *A Peste* enfatiza aos males da quarentena, *Oscar* ilustra os aspectos nefastos do abandono das populações para morrerem mais

rapidamente. Em todo caso, Oscar nos inspirou a ideia do texto-xadrez à medida que os agonizantes rompem as barreiras das zonas urbanas de Montreal, errando em uma geometria de cidade tortuosa, sem alinhamento, que vai das ruas bem traçadas à cidade subterrânea, afastando do centro da cidade todos aqueles que ainda se encontravam saudáveis. Um tal arquivo de necropolítica se associa, todavia, com o de A Peste, à medida em que preconiza uma vitória provisória sobre o flagelo (os ratos felizes, Montréal feliz) que poderá ser revertida em qualquer momento da história.

Apresentamos, assim, um corpus inicial apto a engendrar reflexões sobre o cenário fantasmagórico da Razão Crítica da Exclusão.

### **Palavras finais**

Esperamos ampliar o corpus a fim de que possamos encontrar o máximo de arquivos necropolíticos nas duas literaturas. Esperamos encontrar variados suportes significantes que possam sustentar nossos estudos, como relatos autofictícios, diários, relatos epistolares, filmes, documentários, além de romances.

A formação, o alcance e o impacto da Estética da Necropolítica nas literaturas visadas não serão apenas úteis para os profissionais de Letras, mas para os das Ciências Humanas em Geral, e para os da área da Saúde. Esperamos que os diálogos com os profissionais desta área contribuam para uma maior compreensão do ambiente onde os surtos e epidemias proliferam, razão pela qual utilizamos em larga escala, o conceito de “semiosfera”.

Conhecer igualmente os interesses financeiros do estado neoliberal em criar as “zonas de inimidade” descortina as bases da Crítica à Razão da Exclusão, e pode gerar um clamor pela humanização da cidade. O conhecimento das “zonas de morte e de inimidade” torna-se essencial para uma intervenção contundente em zonas rurais e urbanas, suscetíveis de serem atingidas por enfermidades (utilidade do texto-xadrez). No Brasil, as condições sanitárias nas cidades e no campo são explicitamente conhecidas e os surtos de sarampo, dengue, zika, chikungunya, febre amarela, meningite etc. continuam castigando as populações. Montreal possui também seus

surtos de gripe letal, bactérias “devoradoras de carne”, várias enfermidades causadas pelos ratos de seus subsolos, legiões de jovens em estado de overdose nos metrô etc. Logo, nosso estudo, pode trazer algumas reflexões sobre a natureza dos arquivos de necropolítica, com as descrições da precariedade sanitária, proporcionando reflexões consistentes para a Crítica à Razão da Exclusão.

## REFERÊNCIAS

### 1. Teorias e análises

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova, *Alguns aspectos da Semiótica da Cultura de Iúri Lotman*, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2012.

BAKHTIN, Mikhail, *O Marxismo e a Filosofia da linguagem*, São Paulo, Hucitec, 1979, (orig. 1929).

BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre, Literaris, 2010.

----- *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo editorial e editora da UFRGS, 2007. 704 p.

\_\_\_\_\_. *Américanité et mobilités transculturelles*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2009. Coll. Americana.

Biopolítica, necropolítica e psicopolítica. Han e Mbembe, leitores de Foucault. <https://hhmagazine.com.br/biopolitica-necropolitica-e-psicopolitica-han-e-mbembe-leitores-de-foucault/>. Acesso em 01-06-20.

CÂNDIDO, Antonio, “A nova narrativa”, *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*, São Paulo, Ática, 1989.

CARRASCOSA, Denise, *Técnicas e Políticas de si nas margens: seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2008.

DIWAN, P. *Raça Pura. Uma História da Eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 10ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 7ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: cursos no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

*INTERFACES Brasil/Canadá. Mobilidades culturais*. Rio Grande: ABECAN, 2008, n. 8. [www.revistaabecan.com.br](http://www.revistaabecan.com.br)

HABERMAS, Jürgen. *Agir Comunicativo e Razão Destranscendentalizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

HABERMAS, Jürgen, *Pensamento Pós-Metafísico. Estudos Filosóficos.*, Rio de Janeiro, 1990.

HILÁRIO, L. C. Da Biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. Belo Horizonte: Sapere aude, v. 7, 2016.

MACHADO, Irene, *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Mbembe, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. Rio de Janeiro, Revista Serrote, n. 31 (edição eletrônica). Disponível em [hps://revistaserrote.com.br/2019/05/aideiade-ummundosemfronteirasporachillembembe/](https://revistaserrote.com.br/2019/05/aideiade-ummundosemfronteirasporachillembembe/). Acesso em 03/10/2019

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 32, 2016.

MORENCY, Jean. Do centro às margens: a experiência das fronteiras no romance americano e quebequense. Trad. de Luciano Passos Moraes. *Cadernos do programa de Pós-Graduação em letras* da FURG, série Traduções, Rio Grande, n.4, jan. De 2009.

MOREIRA, Rômulo de Andrade, *A necropolítica e o Brasil de ontem e hoje*. Disponível em <https://www.justificando.com/2019/01/08/a-necropolitica-e-o-brasil-de-ontem-e-de-hoje/>. Acesso em 30-05-2020.

NASCIMENTO, A. D. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NÖTH e CESTARI, Resenha, <file:///C:/Users/Licia%20Casa/Downloads/25197-65591-1-SP.pdf>. Acesso: 30-01-2020.

NÖTH, Winfried, The semiotic potential for iconicity in spoken and written language. *Kodikas/Code* 13, 1992, p. 191-209.

NÖTH, Winfried, Iconicity of simetries and asymetries in syntactic coordination. *Von der sprache zur literature: motivierheit in sprachlichen und in poetischen kode*. Crhristopher Küper (ed.). Tubingen. Staufenburg, 1995, p. 23-36

OLIVEIRA, J.S., MARCIER, M.H., “A palavra é: favela”. In: ZALUAR, ALVITO (org.), *Um século de favela*, 5ª Ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006, pp. 61-114.

OLIVIERI-GODET, Rita, SOUZA, Licia (orgs.), *Representações e Identidades na cultura brasileira*, João Pessoa, Idéia, 2001.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares, *Ambivalências formais em “Memórias de um sobrevivente”, de Luiz Alberto Mendes, e “Diário de um detento” de Jocenir*. Em: [http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art\\_13.php](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art_13.php). Acesso: 16 de novembro de 2011.

PASSETTI, Edson, (org.), *Kafka/Foucault sem medos*. Cotia: Ateliê, 2004.

PELLEGRINI, Tânia, *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo, Annablume-Fapesp, 2008.

PERLMAN, Janice, *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

PESAVENTO, J. Sandra, *O Imaginário da Cidade. Visões literárias do Urbano*. 2ª. Ed. Porto Alegre, Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

POPOVIC, Pierre. « Le mauvais flâneur, la gourgandine et le dilettante. Montréal dans la prose narrative aux abords du « grand tournant » de 1934-1936 ». In NEPVEU Pierre et POTEVIN, Mélanie. *Montréal Imaginaire. Ville et littérature*, Montréal : Fides, pp, 211-278., 1992.

RIBEIRO, Darci, *Maira*, 19ª. ed. São Paulo, Global Editora, 2015.

ROBIN, Régine. *Mégapolis; les derniers pas du flâneur*. Stock, 2009

SANTAELLA, Lúcia, *Estética. De Platão a Peirce*. 2ª. Ed., São Paulo, Experimento, 2000.

SANTAELLA, L., NÖTH, W., *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*, São Paulo: Iluminuras, 1999, 2ª.ed., 1998.

SILVA, Maurício, *Histórias de rua ou Sexo & Violência. O realismo suburbano de Fernando Bonassi*, [http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/021/MAURICIO\\_SILVA.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/021/MAURICIO_SILVA.pdf), Acesso: 11-06-2011.

SILVERMAN, Malcolm, *Protesto e o novo romance brasileiro*, 2<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck, Prefácio, *Memórias do Cárcere*, 1984, pp. 9-30.

SOUSA, R. A. S. D. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. *Revista brasileira de história e ciência*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan-jun 2013.

SOUZA, Licia Soares de. *Pragmática Pós-metafísica. O infradireito na literatura e no cinema brasileiros*. Curitiba, Editora APPRIS/CAPES, 2020. (No prelo).

\_\_\_\_\_, *Pour une Géopoétique interaméricaine*, Paris, Société des Écrivains, 2019.

\_\_\_\_\_, Infância e errância: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (46), 79-103, 2015.

\_\_\_\_\_, “Memórias marginais/subterrâneas”, In: González, E.P., Coser, S. (org.), *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre, Letra 1, 2017, p. 291-299.

\_\_\_\_\_. *O realismo pós-metafísico. Uma sociedade de exclusão no cinema e na literatura brasileiros.*, Feira de Santana, EDUEFS, 2013.

\_\_\_\_\_, “Deriva”. In: BERND Zilá (org.), *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre, Literalis, 2010, pp.87-108.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Personagens Afro-brasileiros*, Salvador, Editora Quarteto, 2009<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Literatura & Cinema. Traduções Intersemióticas*: Salvador, EDUNEB, 2009.

*Introdução às Teorias Semióticas*, Petrópolis, Vozes, 2006.

STEINER, George. *Extraterritorial; a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

## 2. Narrativas (corpus aproximado)

AMADO, Jorge, *Tocaia Grande*, São Paulo, Ed. Record, 1982.

----- Tereza, Batista, *cansada de guerra*, São Paulo, Companhia das 7 Letras, 1982.

- , *Capitães da Areia*, São Paulo, Ed. Record, 1998, (orig. 1937)
- CALLADO, Antonio, *Quarup*, 12ª. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984 (orig.1964)
- CARON, Louis, Trilogie de *Le Fils de la Liberté*, Montréal, Boréal, 1982-1999.
- CUNHA, Euclides da, *Os Sertões*, 21ª. ed., Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.
- GAGNON, Marie, *Emma des rues*, Montreal, Boreal, 2005.
- GERVAIS, Bertrand, *Les Failles de l'Amérique*, Montréal, XYZ, 2005.
- LAMOUREUX, Henri, *Squeegie*, VLB, 2003.
- LAVALLÉE, Ronald, *Tchipauyk ou le chemin du loup*, Paris, Albin Michel, 2012.
- LIMA, William da Silva, *400 contra 1: história do Comando Vermelho*, Petrópolis, VOZES, 1991.
- LINS, Paulo, *Cidade de Deus*, 2ª Ed., São Paulo, Cia das Letras, 1999.
- MAVRIKAKIS, Catherine, *Oscar de Profundis*, Montréal, Héliotrope, 2016.
- MENDES, Luiz Alberto, *Memórias de um sobrevivente*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- NAVA, Pedro, *Chão de Ferro*, São Paulo, Companhia das Letras, 1976.
- OUELLETTE, Francine, *Au nom du père et du fils*, Montréal, Éditions de la Presse, 1991.
- OUELLETTE, Francine, *Le Sorcier*, Montreal, VLB éditeur, 2005.
- SCLIAR, Moacyr, *O olhar médico. Crônicas de medicina e saúde*. São Paulo, Ágora, 2005.
- SCLIAR, Moacyr, *Sonhos Tropicais*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- SOUZA, Márcio, *Mad Maria*, São Paulo, Civilização Brasileira, 1983.
- RAMOS, Graciliano, *Memórias do Cárcere*: prefácio de Nelson Werneck Sodré, 17e.ed., Rio, São Paulo, Record, 1984. 2v. illust.
- ROY, Gabrielle, *Bonheur d'Occasion*, Montreal, Boreal, 2009.
- THEORET, France, *Une belle Éducation*, Montreal, Boréal, 2006.

VARELLA, Drauzio, *Estação Carandiru*, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

### 3. Filmografia:

**Carandiru**, filme brasileiro e argentino de 2003, dirigido por Hector Babenco. É baseado no livro *Estação Carandiru*, do médico Drauzio Varella.

**Cidade de Deus**, filme de 2002 dirigido por Fernando Meirelles, tradução do livro de mesmo nome escrito por Paulo Lins.

**Memórias do Cárcere**, filme de 1984, roteirizado e dirigido por Nelson Pereira dos Santos. O roteiro é uma tradução do livro homônimo de Graciliano Ramos.

**Sonhos Tropicais**, filme de 2001, dirigido por André Sturm, protagonizado por Carolina Kasting, Lu Grimaldi, Bruno Giordano. Tradução de *Sonhos Tropicais* de Moacyr Scliar.

**Invasões Bárbaras**, filme de Denys Arcand, 2003, Oscar de melhor filme estrangeiro.

**Jesus de Montreal**, de Denys Arcand, 1989.

**400 Contra 1 - Uma História do Crime Organizado** filme dirigido por Caco Souza. Estreou em 6 de agosto de 2010. Baseado no livro autobiográfico *Quatrocentos contra um - A história do Comando Vermelho* de William da Silva Lima.

**Salve Geral**, filme de Sérgio Rezende, de 2009. A história aborda os acontecimentos envolvendo a violência do Primeiro Comando da Capital em São Paulo, em 2006

### 4. Live

(1902) LITERATURA E NECROPOLÍTICA: desigualdade e exclusão na Bahia de ontem e hoje - YouTube. 12 de junho de 2020.